

2

A Direção Espiritual e o ser humano de hoje

O contexto fluido no qual vivemos é caracterizado, entre outras coisas, pela coexistência mais ou menos harmônica de conceitos díspares e até mesmo contraditórios. No campo religioso, por exemplo, existe tanto uma desconfiança generalizada da religião enquanto instituição e proposta de modelo ético – pois, supostamente, esta tiraria a liberdade pessoal –, como uma busca constante por respostas, ou ao menos por caminhos de compreensão da própria existência à luz do sobrenatural.

A título de exemplo, o Censo 2010 destacou um grupo denominado “evangélicos não determinados”.¹⁰ Trata-se de pessoas que, possuindo alguma experiência religiosa de matriz evangélica, não estão vinculadas institucionalmente a nenhuma denominação. Ora, embora o número de pessoas que se encontram nesta situação tenha emergido a ponto de merecer destaque naquele relatório censitário, podemos afirmar com segurança que este é um fenômeno comum a um bom número de grupos religiosos, para não dizer de todos. No fundo, é coerente afirmar a existência de um grupo ao qual podemos chamar de “sem religião definida”, no qual figuram tanto pessoas que transitam rápida e constantemente entre diversas experiências religiosas, colhendo um pouco de cada, e vivendo uma religiosidade *ad libitum*, como aquelas que se identificam com um grupo religioso maior, sem, contudo, declarar formalmente sua filiação (não praticantes).

Esse fato modifica e amplia o perfil dos *sem religião*¹¹, pois, a rigor, embora sob perspectivas diversas, trata-se da mesma prática dos que não estão ligados a nenhuma religião por convicções filosóficas e/ou de ordem pessoal. R. Villaseñor¹² destaca quatro subgrupos sob o título *sem religião*: a) os de religiosidade própria; b) os desvinculados e descrentes; c) os críticos das religiões; d) os ateus.

Merece destaque, entre os quatro subgrupos mencionados, o dos que possuem religiosidade própria, pois estes conjugam interiormente o que antes era

¹⁰ IBGE. Censo demográfico de 2010.

¹¹ JACOB, C. R. Religião e sociedade em capitais brasileiras, p. 162; LIBANIO, J. B. A religião no início do milênio, p. 219 et. seq.; SILVA, A. L. Indivíduos sem-religião, p. 63 et. seq.; TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). Religiões em movimento.

¹² VILLASEÑOR, R. L. Crise institucional: os sem religiosidade própria, p. 9 et. seq. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/22202/16239>>. Acesso em 28 mai. 2018.

inconciliável: estabelecem um novo modelo doutrinal, sintetizado por eles mesmos, levando a uma prática mais ou menos aproximada dos costumes das religiões conhecidas, sem a vigilância ou o controle de uma autoridade. Sendo autor da própria religião, o indivíduo passa a ser o parâmetro de moralidade e de ortodoxia, tornando-se, de certa forma, seu próprio deus. Apesar de parecer um fenômeno externo às religiões institucionais, o mesmo acontece na dinâmica interna delas próprias, pois muitos dos que professam um determinado credo vivem os valores e as normas da religião segundo seu próprio arbítrio. Entre as frases repetidas com determinada frequência está a célebre máxima “mas eu acho...”, onde a adversativa exclui a força da oração principal, na qual via de regra se situa o argumento *ad auctoritatem* pregado institucionalmente.

Diante deste cenário, torna-se importante, para situar o problema que nos propomos a estudar, fazer o seguinte o caminho neste capítulo: primeiramente, observaremos o ser humano a partir do contexto sociológico atual, destacando as principais características antropológicas emergentes. A seguir, traçaremos o perfil da Direção Espiritual, recuperando os métodos utilizados ao longo da história, bem como sua configuração atual. Por fim, buscaremos levantar questões sobre a necessidade da Direção Espiritual em face das transformações sociais pelas quais o ser humano e o mundo têm passado.

2.1.

O ser humano na contemporaneidade

Embora não seja o caso de descartar toda a construção teórica do passado, impõe-se, atualmente, a necessidade de perguntar o significado das coisas neste tempo específico. Isso porque as transformações pelas quais a sociedade e a cultura têm passado não supõem nem se fundamentam em certezas estabelecidas anteriormente. De alguma forma, a liquefação anunciada por Bauman¹³ atingiu todos os alicerces da vida social, de tal forma que é preciso reconstruir as bases com o que foi possível reciclar do que sobrou desse processo, que ainda não se encerrou.

Sendo assim, mesmo as questões fundamentais precisam ser recolocadas, tendo como chave de leitura o novo contexto que se instaurou. Em nosso caso, não basta apenas perguntar o que é o homem, mas antes o que o caracteriza ou identifica

¹³ BAUMAN, Z. Modernidade líquida, p. 9.

no contexto atual. Torna-se indispensável, destarte, traçar um perfil antropológico contemporâneo.

Feita esta consideração, devemos ponderar que é inevitável propor uma reflexão de tal envergadura sem recorrer aos grandes teóricos da conjuntura atual, Z. Bauman, com o conceito de *liquidez*¹⁴, e G. Lipovetsky, com o *neindividualismo*.¹⁵ Contudo, procuraremos nos deter em um conceito análogo e mais centrado na antropologia, apresentado por H. Nouwen como *pessoa nuclear*.¹⁶ Esta designação de H. Nouwen sintetiza as teorias sociológicas mencionadas, traduzindo-as nas implicações antropológicas decorrentes.

Quem é esta pessoa nuclear? Segundo H. Nouwen, é alguém consciente de que possui um grande poder que contém em si a capacidade de autodestruição, alguém que “vê à sua volta uma tal variedade e abundância de objetos úteis que a escassez já não lhe motiva a vida, mas ele anda simultaneamente às apalpadelas à procura de uma direção e em busca de sentido e de objetivo”.¹⁷

Para explicar melhor o conceito, o autor elenca três características fundamentais que constituem a pessoa nuclear. São elas:

a) *Desorganização histórica* – a pessoa nuclear não se sente vinculada ao seu passado e não tem perspectiva de futuro. Suas expectativas não são como a de seus antepassados, para os quais a vida era uma gama de oportunidades para arriscar, acreditar, construir. Ela tem anseios, mas estes não estão vinculados a um projeto de vida:

O que é crucial para o homem nuclear é a falta de sentido de continuidade, intrinsecamente vital para uma vida criativa. Ele sente-se parte de uma não-história, onde apenas o momento atual do aqui e agora tem valor. [...] No meio da sua desorganização ele fica paralisado. [...] Quando se encara como a vítima passiva de uma burocracia tecnológica extremamente complexa, faltam-lhe motivações e passa a vaguear do momento presente para o seguinte, transformando a vida numa longa cadeia de incidentes e acidentes.¹⁸

Para a pessoa nuclear, conforme recorda H. Nouwen, existem duas dificuldades em relação ao discurso religioso tradicional: soa estranho qualquer tipo de vinculação ao passado (não se dá a mesma importância que outras gerações

¹⁴ BAUMAN, Z. Modernidade líquida, p. 9.

¹⁵ LIPOVETSKY, G. A sociedade pós-moralista, p. 40.

¹⁶ NOUWEN, H. J. M. O curador ferido, p. 19. Embora, a partir deste ponto, o autor utilize a expressão “homem nuclear”, optamos por manter o termo *pessoa*, sem causar prejuízo ao entendimento.

¹⁷ Ibid., p. 21.

¹⁸ Ibid., p. 23.

davam ao patrimônio, material ou imaterial), então não faz sentido repeti-lo; e igualmente soa estranho qualquer discurso de caráter escatológico, visto que o futuro não faz parte de suas preocupações fundamentais: para ela, “o problema não reside em que o futuro esconde um novo perigo, como, por exemplo, uma guerra nuclear, mas que poderá nem sequer haver futuro”.¹⁹

b) *Ideologia fragmentada* – sem o referencial do tempo, sem uma visão de futuro, a pessoa nuclear está exposta a toda espécie de ideologias, ou melhor, à ausência de uma ideologia própria: é guiada pelos experimentos, pelos contatos que faz. Do ponto de vista teórico, nada é conflitante para a pessoa nuclear. Pode-se, por exemplo, professar a fé cristã e ser defensor do aborto, ou ter identidade política mais voltada para o socialismo e ser um consumidor voraz. A pessoa nuclear não vê incoerência em mesclar posturas contraditórias, desde que satisfaçam seu modo de pensar naquele momento, pois, considerando a desorganização histórica, a transformação ideológica é uma questão de tempo e oportunidade:

O homem nuclear já não acredita que alguma coisa possa ser válida para sempre e em toda a parte. Vive hora a hora e cria a sua vida repentinamente. [...] Esta ideologia fragmentada pode impedir o homem nuclear de se tornar um fanático disposto a morrer ou a matar por um ideal. Este homem busca, em primeiro lugar, experiências que lhe deem um sentido de valor. É, por conseguinte, muito tolerante, já que não encara outro homem com convicções diferentes como uma ameaça, mas antes como uma oportunidade de descobrir ideias novas e pôr as suas próprias ideias à prova. Pode escutar com maior atenção um rabi, um pastor, um presbítero, sem considerar a aceitação de qualquer forma de pensamento, mas ainda assim desejoso de aprofundar o seu próprio entendimento do que ele sente ser parcial e fragmentário.²⁰

c) *Busca de uma nova imortalidade* – esta característica se apresenta como síntese das anteriores, na medida em que externa o pedido de ajuda feito pela pessoa nuclear: sentindo-se prisioneira do momento atual, apesar de estar confortável com a ideia de poder se reinventar a cada nova circunstância, ela busca um sentido ulterior, algo que preencha sua existência para além do momentâneo. Contudo, as formas de imortalidade até então conhecidas não a satisfazem mais:

Nenhuma forma de imortalidade – nem a imortalidade através dos filhos, nem a imortalidade através das obras, nem a imortalidade através da Natureza, nem a imortalidade no Céu – é capaz de ajudar o homem nuclear a projetar-se para além das limitações da sua existência humana. Portanto, não é de modo algum surpreendente que a pessoa nuclear não seja capaz de encontrar uma expressão adequada para a sua experiência em símbolos como o Inferno, o Purgatório, o Céu, o Além, a Ressurreição, o Paraíso e o Reino de Deus.²¹

¹⁹ NOUWEN, H. J. M. O curador ferido, p. 21.

²⁰ Ibid., p. 26 et. seq.

²¹ NOUWEN, H. J. M. O curador ferido, p. 29.

Uma análise simples do modo de vida praticado pelas pessoas reflete o que o autor ressaltou: muitos já não querem ter filhos, alegando a falta de condições no presente, mas também a incerteza a respeito do futuro. Em boa parte das pessoas já não há o entusiasmo por uma carreira específica, razão pela qual muitos ficam indecisos sobre que faculdade cursar e facilmente migram de um curso para outro. Há quem não veja no casamento a realização de sua vida, porque não faz sentido viver a fidelidade até a morte. E, no entanto, o *modus vivendi* centrado no presente não é capaz de motivar a pessoa a lutar por algo maior, com mais sentido, pelo qual valha a pena viver e morrer. É como se fosse possível ouvir a pessoa nuclear dizer como o Eclesiastes: “Não há lembrança durável do sábio e nem do insensato, pois nos anos vindouros tudo será esquecido: o sábio morre assim como o insensato” (Ecle 2,16).

Além destas características, podemos enumerar outras:

a) *Individualismo* – se não há referências às quais se apegar, a única atitude coerente é a autorreferencialidade. Quando falamos da ideologia fragmentária, ressaltamos que as experiências feitas em um e outro lugar, uma e outra religião, uma e outra cultura, moldam um jeito *sui generis* de ser e agir, e este passa a ser o seu parâmetro decisório e moral, até que seja modificado. Não se trata de uma postura ingênua, que desconsidera a importância do outro e a relação com ele, mas uma indiferença em relação ao mesmo:

Segundo o teórico [Bauman], os tempos fluidos implicam ao homem uma individualização, não sendo essa uma escolha. Esse indivíduo é o oposto do cidadão, seu maior inimigo, quando se mostra indiferente com o bem comum, cético em relação à causa comum, a uma sociedade justa.²²

b) *Imediatismo* – consequência direta da desorganização histórica, não se confunde com ela por ser seu fruto. Sem o aporte do tempo, fazendo com que a vida aconteça no *hic et nunc*, o ser humano se torna ansioso e imediatista: quer tudo agora. Logo, não sabe esperar, não desenvolveu a paciência, porque não tem perspectiva de futuro. Se tem uma ideia e não a concretiza neste momento, ela passará rapidamente.

A velocidade é tão expressiva que gera desconfiança e imobilismo. Parte dessa ânsia pelo imediato vem do uso constante da internet e da noção de *tempo*

²² CARVALHO, F.; FRIDERICH, B. A mídia como meio e como instituição na hipermodernidade e na modernidade líquida, p. 11. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/1757/1627>>. Acesso em 21 jun. 2018.

real, que eliminou a noção de *tempo a esperar*, bem como da lógica de mercado que, visando o consumo, oferece mais agilidade e maior disponibilidade de tempo para atender às necessidades das pessoas: é a lógica do *fast food*, dos estabelecimentos abertos 24 horas, das cadeias de lojas com grande cobertura geográfica. O imediatismo clama onipotência, onisciência e onipresença.

c) *Busca de respostas* – para o ser humano atual, esperar é angustiar-se. E um de seus objetivos mais claros é certamente fugir da angústia e da dor. Logo, desejando sentir-se preenchido, busca respostas para seus anseios como se fossem produtos. Existe, por isso, uma grande procura por qualquer possível resposta que pretenda sanar dúvidas e anseios, mesmo que sejam incoerentes ou até absurdas. Não existe uma preocupação com a pertinência do conteúdo dessas respostas, desde que aplaquem o sofrimento ou a incerteza, justamente porque não há uma preocupação com o futuro, com o depois. O importante é o agora.

Um reflexo da cultura hodierna é o crescimento da procura pelo *coaching*, porque ajuda a quem deseja alcançar objetivos em curto prazo. No entanto, o *coaching* apresenta um perigo: quem se forma, se não tiver clareza suficiente do seu papel, pode se aventurar por águas desconhecidas e sentir-se capaz de interferir na vida dos outros se utilizando de técnicas e conhecimentos para os quais não possui habilitação, conforme ressalta a nota emitida pelo Conselho Federal de Psicologia²³, ou pode ainda agregar outros elementos, como os religiosos, e se transformar em *guru*.²⁴

Em sentido análogo, a busca por terapias alternativas, modelos espirituais do Oriente ou experiências religiosas mais adaptadas ao contexto atual, notadamente as que aderem ao fenômeno neopentecostal²⁵ ou a ele se assemelham, tem grande aceitação entre os sedentos de respostas imediatas. Paradoxalmente interessante é o fato de as mesmas pessoas que clamam pelo respeito à sua individualidade e autonomia desejarem ansiosamente por uma resposta de fora, pronta, que seja capaz de saciar sua angústia.

²³ Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-e-apaf-divulgam-nota-de-esclarecimento-sobre-a-psicologia-do-esporte-coaching-e-sistema-conselhos>>. Acesso em 21 jun. 2018.

²⁴ DIAS, F. A farra do *coaching* e as mentiras que te contaram. Disponível em: <https://medium.com/@felipedias_733/a-farra-do-coaching-e-as-mentiras-que-lhe-contaram-9a8ddad1af93>. Acesso em 21 jun. 2018.

²⁵ JÚNIOR, N. S. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/04/02Igreja.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2018.

Cremos ser este, resumidamente, o perfil antropológico da atualidade. Por certo, não são as únicas características do ser humano atual, mas estas foram selecionadas por serem as que melhor representam o desafio de acolher e ajudar o ser humano em seu crescente processo de personalização. Dessa forma, é possível dizer que definitivamente o ser humano da atualidade pede ajuda para se compreender e ser capaz de sobreviver em meio ao turbilhão no qual foi inserido e do qual não é capaz de sair pelas próprias forças.

Certamente, a Igreja tem meios de responder a estes anseios, e deve procurar fazê-lo com profundo respeito à humanidade e ao mesmo tempo com espírito profético para sinalizar suas incoerências. Desta forma, o ser humano, apoiado pelo interesse real da Igreja em sua dignidade pessoal, terá condições de assumir sua verdadeira condição: não mais servo de um sistema monopolizador e alienante, mas amigo, de Deus, do outro, do mundo (cf. Jo 15,15). É nesse sentido que propomos uma reflexão sobre o papel da Direção Espiritual como um caminho possível de ajuda ao ser humano contemporâneo.

2.2.

A Direção Espiritual: história, método e prática atual

No mundo secularizado em que vivemos, a fé cristã ainda tem algo a dizer? Como é possível anunciar o Evangelho, que sempre chama à comunhão, a pessoas marcadas pelo individualismo? Que resposta é possível dar à busca incessante por caminhos de espiritualidade que acalmem a ansiedade produzida pela ditadura do instantâneo? É possível refazer o caminho do individual para o comunitário?

Segundo a hipótese desta pesquisa, uma resposta coerente a estas perguntas, tão características da atualidade, é a retomada da prática da Direção Espiritual como instrumento eficaz para restabelecer o contato de cada pessoa com Deus. A partir desse contato, sua consciência de membro do Corpo de Cristo, a Igreja, é fortalecida, e a dimensão comunitária da fé é restaurada.

Por que a Direção Espiritual pode ajudar nesse processo? Porque, a princípio, ela é a ação pastoral capaz de acolher o ser humano na situação atual (egocêntrico, autorreferencial, ansioso, sedento de espiritualidade) e, por meio de um contato individualizado, ajudá-lo a redescobrir sua vocação primordial, abrindo seus olhos para os irmãos e o mundo ao seu redor, e incentivando-o a reassumir a responsabilidade por gerar comunhão.

O projeto pode ser assim delineado: receber o indivíduo autorreferenciado, ainda que vivendo na coletividade, acolhê-lo em sua individualidade, motivá-lo a se descobrir como um ser de relações e, uma vez consciente disso, e sentindo-se livre, estimulá-lo a ser agente de comunhão. Assim, vamos do indivíduo autorreferencial para a pessoa, da coletividade para a comunhão.

Esse projeto é possível por meio da Direção Espiritual porque esta é fundamentalmente um encontro entre duas pessoas, das quais uma se chama *diretor*, e a outra, *dirigido*. Apesar de não haver a exigência de algum pré-requisito, é necessário compreender seu objetivo, pois o formato material – encontro individualizado com um mestre – pode encantar a muitos, tão sedentos por caminhos de transcendência quanto desejosos de um encontro personalizado. Não há problema em acolher essa pessoa nas condições em que chega. Porém, à medida que o processo se desenrola, ou ela tomará a decisão de continuar a sério a jornada que começou, mesmo que não soubesse exatamente o que estava procurando, ou se desiludirá e deixará o caminho para trás. Em ambos os casos, a decisão deve ser pessoal e livre.

De alguma forma, todo anseio que movimenta o ser humano interiormente é, em última análise, um impulso chamando-o à interioridade. Diz Santo Inácio de Antioquia: “Dentro de mim, há em mim uma água viva, que murmura e diz: ‘Vem para o Pai’”.²⁶ Sem clareza desse fato, este mesmo ser humano começa a buscar respostas nas coisas que conhece ou que deseja conhecer, acreditando encontrar nelas a plenitude, a realização do seu ser, quando, na verdade, o único capaz de saciar a sede do seu coração é a Fonte de sua vida, o próprio Deus, como declarou Santo Agostinho: “Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti”.²⁷

Sendo ajudada por um mestre diligente, é possível que, apesar da superficialidade ou curiosidade inicial, a pessoa deseje empreender um caminho rumo ao seu próprio coração e ali descobrir a quietude e a serenidade que tanto buscava quando se preenchia com o tumulto do mundo exterior. Por isso, mesmo que seu anseio não seja efetivamente a busca de Deus, essa pessoa deve ser recebida e ajudada a compreender o seu próprio coração, e, a menos que não queira, poderá

²⁶ Rom. 7,2.

²⁷ Conf. I,3.

ser transformada pela ação do Espírito Santo que, de uma forma surpreendentemente nova, a chamou para junto de si.

Esta é a forma de Direção Espiritual praticada por Jesus. Ele é o primeiro mestre espiritual, o mestre por excelência, e, embora aceite e louve que o reconheçam nessa condição (cf. Jo 13,13) e afirme ser o guia dos que o seguem (cf. Mt 23,10), não se posiciona de forma distante ou autoritária em relação a seus discípulos, a quem chama e considera amigos (cf. Jo 15,15). Por meio de seu ministério, com palavras e exemplos, conduz cada um ao encontro pessoal com a vontade do Pai e, conseqüentemente, à conformação da vida segundo o exemplo que Ele deixou (cf. Jo 13,15). E não só aos discípulos, mas a todos quantos se aproximassem dele, conscientes ou não do algo mais que sua presença comunicava.

Em alguns casos fazia até diferente, sendo Ele a se aproximar da pessoa (cf. Jo 4,5-42). Em outros momentos, tornava-se duro, enérgico, para transformar o olhar de quem se deixou iludir pelo encanto de seus sinais ou pela vantagem de tê-lo próximo, como no discurso sobre o Pão da vida, deixando livres os que não quisessem acolher a Palavra tal como ela precisava ser anunciada (cf. Jo 6).

Contudo, jamais Jesus recusou acolher alguém, reconhecendo inclusive a força da fé de quem, tendo suplicado uma vez, não foi atendido prontamente, como a mulher siro-fenícia (cf. Mc 7,24-30). Em nenhuma situação, disse a quem o procurava como deveria agir sem, antes, ter provocado na pessoa uma resposta que já estava nela mesma. Até quando realizava algum sinal, ressaltava que o benefício conquistado era fruto da fé, ou seja, da força interior da pessoa. Essa força interior, em última instância, longe de ser pelagianismo, é a adesão da pessoa à graça de Deus.

Ao voltar para o Pai, Jesus enviou o Espírito Santo aos apóstolos, fortalecendo-os para serem continuadores da sua missão no mundo. As primeiras comunidades cristãs experimentaram a presença do Ressuscitado e a guia espiritual exercida por Ele mediante a ação do Espírito Santo, que inspira os carismas e reparte as funções (cf. 1Cor 12,7). Desde então, é o Espírito Santo o mestre interior de toda a Igreja e de cada fiel em particular.

À medida, porém, que se afastaram da vida comunitária para viverem no deserto²⁸, os cristãos sentiram a necessidade de ser ajudados por alguém mais sábio e experimentado, que lhes servisse como guia, na arte de discernir os espíritos²⁹, pois o silêncio faz com que escutemos com mais atenção as vozes do nosso interior, como diz, de forma alegórica, R. Alves:

Desaprendi o silêncio e aprendi o barulho. Acostumei-me e passei a precisar dos seus sons para poder dormir. Depois de algum tempo, é o silêncio que tira o sono. Porque no silêncio, quando não há bichos soltos do lado de fora, os bichos que moram dentro começam a uivar. O bom do barulho da cidade é que ele abafa os barulhos dos bichos da alma.³⁰

É no ambiente do deserto que começam a surgir os chamados *apoftegmas*, ou ditos dos Padres do deserto. Os discípulos acorriam a eles, pediam-lhes alguma palavra de sabedoria³¹, e eventualmente eram convidados a morar com eles e aprender por si próprios, na convivência com o mestre. A vida era austera: praticavam jejuns, rezavam frequentemente e trabalhavam para ganhar o pão com o que lucravam do próprio trabalho.³² Viviam na maior parte do tempo em silêncio e, por isso mesmo, não faltavam oportunidades para ouvir as vozes interiores, perceber os pensamentos que lhes vinham à mente e as tentações que lhes assaltavam. Com muito sacrifício e com o passar do tempo, estes homens tornavam-se peritos em humanidade, adquirindo a chamada *cardiognose*, o conhecimento do coração.³³

Assim, embora continuassem pecadores, podiam tornar-se mestres de outros, não em teorias ou em especulações teológicas, mas no conhecimento de si mesmos e das próprias paixões. Seus ensinamentos, normalmente, são breves sentenças contendo imagens práticas do cotidiano, porque experimentadas na concretude da vida.

A esses homens santos, chamados de *abbas* (recordando que não havia apenas Padres, mas também Madres do deserto, as *ammās*³⁴), acorriam vários discípulos,

²⁸ LACARRIÈRE, J. Padres do Deserto, p. 23 et. seq.

²⁹ MERTON, T. Direção Espiritual e meditação, p. 15 et. seq.

³⁰ ALVES, R. O sapo que queria ser príncipe, p. 16.

³¹ BETTENCOURT, E. T. (Org.). Apoftegmas, p. 6.

³² GRÜN, A. O céu começa em você, p. 36.

³³ Id. A Orientação Espiritual dos Padres do Deserto, p. 17.

³⁴ “Dependendo do contexto, o Cristo pode ser designado tanto de pai como de mãe. [...] E assim, no monacato não há apenas pais espirituais, mas também mães espirituais, as assim chamadas *ammās*. Sua maternidade imita o Cristo como nossa mãe”. (GRÜN, A. A Orientação Espiritual dos Padres do Deserto, p. 14 et. seq.).

mas eram por eles instruídos separadamente, porque a base da formação espiritual era a revelação dos pensamentos e sentimentos ao pai. Portanto, não existia formação genérica, mas sim personalizada. Assim, compreendemos que a Direção Espiritual, como prática espiritual e pastoral, nasceu no seio monástico³⁵, não estando ligada à hierarquia, mas era uma atividade puramente carismática.³⁶

Com o passar do tempo, surgiu um novo modelo de vida monástica, chamado de cenobitismo (de *koinos-bios*, vida comum).³⁷ Os monges já não viviam isolados, mas agrupados em comunidades monásticas. Embora se mantivessem as práticas anteriores, ao gênero de vida foi agregada a convivência fraterna, com suas vantagens e desvantagens. A direção exclusiva do pai já não era suficiente para reger uma comunidade que habitava no mesmo espaço. Nesse contexto surgem as chamadas Regras monásticas, cujo objetivo era sintetizar a forma de vida praticada pelos monges. Em geral, as *Regulae* são mais um tratado espiritual que um diretório prático. Contudo, partindo da moção espiritual implicada no gênero de vida, estabeleciam-se normas de conduta, cujos grandes compiladores são Pacômio³⁸, conhecido como o precursor do monaquismo cenobítico, e Basílio, o patriarca dos monges orientais.³⁹

Com o surgimento das *Regulae*, tem início um fenômeno novo: elas passam a ser, de certa forma, o guia da comunidade. Em São Bento, o grande sistematizador do monaquismo ocidental, a comunidade tem no Abade o diretor espiritual por excelência, pois “faz as vezes do Cristo”⁴⁰:

Como o abade desempenha sua função de “ser pai” dos irmãos? Ser “pai” é gerar e alimentar a vida, e é precisamente isso que constitui a responsabilidade do abade. Precisa gerar e cultivar a vida espiritual em absolutamente todos os seus filhos. [...] É um canal vivo da vida de Jesus Cristo, perpetuamente aberto à sabedoria, graça e inspiração do Espírito Santo.⁴¹

Com a exigência de que o superior das comunidades recebesse o sacramento da Ordem – que se tornou o sinal da autoridade sagrada de que se revestia – e com

³⁵ MERTON, T. Direção Espiritual e meditação, p. 15.

³⁶ Ibid., p. 17.

³⁷ AQUINO, F. R. Q. História da Igreja, p. 323.

³⁸ Ibid., p. 322; VECOLI, F. Le Regole Pacomiane come fattore di Direzione Spirituale della Comunità. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale. v. 1, p. 265 et. seq.

³⁹ AQUINO, F. R. Q. Op. cit., p. 323; SOLIMEO, P. M. São Basílio Magno. Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_basilio.html>. Acesso em 12 set. 2018.

⁴⁰ RB 2,2.

⁴¹ BONOWITZ, B. Buscando verdadeiramente a Deus, p. 80.

a gradual clericalização dos mosteiros, a Direção Espiritual foi pouco a pouco mesclada e em parte suprimida pela Confissão Sacramental.⁴² Naturalmente, a esta altura a Direção Espiritual já estava distante da vida dos leigos, sendo atividade exclusiva para os monges, únicos que passaram a ter acesso à Direção Espiritual.

Embora tendo inúmeros acentos, vamos destacar apenas algumas características da Direção Espiritual na Idade Média: tendo sido o tempo da institucionalização da vida monástica, o abade, cuja missão até então tinha cunho espiritual, passou também a ter cunho jurídico, passando a ser pai em sentido lato. Dessa forma, não podia mais exercer com tanto afinco a paternidade espiritual.

Por esse motivo, a Direção Espiritual propriamente dita passou a ser exercida por aqueles que eram associados ao abade na missão de conduzir a comunidade monástica, considerados “aptos a obter o progresso das almas e que se dediquem a eles com todo o interesse”.⁴³ Assim, o comando (*imperium*) exercido pelos mestres sobre os seus discípulos foi resguardado do cunho jurídico, consistindo em uma prerrogativa da qualidade de seu exercício na virtude mediante o discernimento dos espíritos: “O acento bate inequivocamente sobre uma teoria e uma prática da Direção Espiritual substancialmente autônoma ou ao menos não vinculada ao poder institucional e normativo”.⁴⁴

Foi também durante a Idade Média que a Direção Espiritual passou a ser praticada com métodos diferentes. Exemplo desses métodos é o florescimento das experiências místicas, que, por sua vez, destacam grandemente a importância da maternidade espiritual, surgindo delas um gênero de Direção Espiritual epistolar, em diferentes ramos da Vida Religiosa, dos quais destacamos as principais famílias: entre as beneditinas, Hildegarda de Bingen e Gertrudes de Helfta; entre as franciscanas, Clara de Assis; entre as dominicanas, Catarina de Sena, bem como outras.⁴⁵ Em todos os ramos, são constantes tanto a experiência mística como a correspondência com príncipes, bispos, papas, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, admoestando-os a viverem em plenitude sua vocação cristã.

⁴² GRÜN, A. Perdoa a ti mesmo, p. 99; FILORAMO, G. (Ed.). Op. cit., p. 24.

⁴³ RB 58,6.

⁴⁴ GAJANO, S. B. Introduzione. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale. v. 2, p. 17.

⁴⁵ GAJANO, S. B. Introduzione. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale, v. 2, p. 38 et. seq.

Com o surgimento das Ordens mendicantes, instaura-se outro tipo de Direção Espiritual, mais próximo da vida secular. Isso se deveu ao fato de a Vida Religiosa ter adquirido caráter apostólico, missionário, inserindo-se no cotidiano dos fiéis. Em Francisco de Assis,

a Direção Espiritual assume um acento peculiar enquanto não circunscrita a um aspecto específico da sua vida e a formas de relação espiritual com quantos quiseram segui-lo, mas ele “investe toda a parábola de seu desafio pessoal, envolvendo as características essenciais de sua interpretação do cristianismo”.⁴⁶

Já entre os dominicanos, a Direção Espiritual assume um caráter mais globalizante, de cunho catequético, voltado para a pregação:

Quanto à Ordem dos Pregadores, a Direção Espiritual assumiu, desde o fundador, uma dimensão institucional e, portanto, uma fisionomia mais clara, com extraordinária dedicação à pregação e aos tratados para pregadores e confessores, e acima de tudo com a produção de novos instrumentos em vernáculo, desde textos bíblicos e hagiográficos até tratados místico-ascéticos, capazes de propor a mensagem espiritual em formas adequadas com uma atualização geral das linguagens e técnicas narrativas, destinadas também a um público em grande parte formado por leigos, uma expressão da sociedade urbana, ora indivíduos isolados, ora unidos em irmandades de devoção e assistência.⁴⁷

Na Idade Moderna, encontramos uma vasta gama de situações complexas dentro e fora do ambiente eclesial: a tensão entre o Absolutismo e a formação dos Estados nacionais e os decorrentes conflitos com a Igreja, o Renascimento Cultural, a Reforma Protestante, a Contrarreforma e suas implicações, a reforma interna das antigas Congregações Religiosas (retorno às fontes) e a formação de novas, a tensão entre experiências místicas e teologia especulativa e a *devotio moderna*. Estes e outros episódios tecem o pano de fundo histórico no qual vamos olhar para os desdobramentos sobre a Direção Espiritual, destacando os seus pontos mais fundamentais.

Entre as mudanças consideráveis no conceito de Direção Espiritual figura, certamente, em primeiro lugar, a contribuição de Inácio de Loyola.⁴⁸ Sua experiência e conversão legaram à Igreja o método de discernimento dos espíritos formulado e difundido pela Companhia de Jesus na pregação dos Exercícios Espirituais. Não se trata de conteúdo novo, mas da transmissão do tesouro perene sob nova forma, que instaurou um novo jeito de dirigir espiritualmente quem

⁴⁶ Ibid., p. 27.

⁴⁷ Ibid., p. 28 et. seq.

⁴⁸ ZARRI, G. Introduzione. FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale. v. 3, p. 28 et. seq.

realizasse os Exercícios. O guia espiritual era quem apresentava os Exercícios, e a ênfase era especialmente sobre os sentimentos e moções (divididas basicamente entre consolações e desolações), pois, segundo ele, “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e gostar as coisas internamente”.⁴⁹ Eis a regra de ouro, chamada pelo próprio Inácio de “princípio e fundamento” tanto de seus Exercícios Espirituais como do discernimento dos espíritos em geral:

O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado. Donde se segue que o homem tanto há de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem. Pelo que, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe está proibido; de tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida curta, e consequentemente em tudo o mais; mas somente desejemos e escolhamos o que mais nos conduz para o fim para que somos criados.⁵⁰

Outro expoente da renovação espiritual moderna é Teresa de Ávila e a reforma que empreendeu no Carmelo. A experiência mística que teve é comunicada pelos seus escritos e no modo de conduzir a Congregação Descalça, não sem cuidado e zelo na forma como as monjas viverão, ao mesmo tempo em que estabelece normas que salvaguardem a santidade de vida e o ritmo de oração das irmãs:

A seriedade com que Teresa considerava a função das amizades espirituais refletiu-se nos artigos sobre a clausura contidos nas Constituições que ela elaborou para a reforma por volta de 1567. As monjas tinham que usar véus e conversar com seus visitantes por trás de uma cortina. Uma irmã acompanhante tinha que estar presente durante todo o tempo e, se a conversa não fosse espiritualmente proveitosa, tinha que ser concluída prontamente “porque é muito importante que aqueles que visitam tenham algum ganho e não com perda de tempo, e que permaneça [também] em nós [esse ganho]”.⁵¹

Por outro lado, segundo Teresa, o diretor espiritual é importantíssimo no papel do discernimento dos espíritos, razão pela qual é bastante criteriosa em seus comentários sobre o bom diretor:

Outro guia, quero dizer, algum confessor que me entendesse, não achei, embora procurasse durante quase vinte anos. Isto contribuiu para me prejudicar e fazer retroceder muitas vezes. Poderia ter sido causa de minha total ruína. Se tivesse confessor, ajudar-me-ia a sair das ocasiões em que estive de ofender a Deus.⁵²

⁴⁹ EE 2,4.

⁵⁰ EE 23.

⁵¹ WEBER, A. P. Teresa di Gesù e la direzione spirituale. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale, v. 3, p. 299.

⁵² V 4,7.

No Livro da Vida, Teresa recomenda que se escolha um diretor espiritual que seja prudente e tenha experiência de oração:

Se ele é douto, tanto melhor. Se não é possível encontrar um confessor que combina essas três qualidades, as duas primeiras qualidades – prudência e experiência – devem ser consideradas as mais importantes, porque mais tarde, se necessário, pode-se chamar um letrado.⁵³

Ainda merece destaque o bispo Afonso Maria de Ligório, grande teólogo moral. Ele aproximou a Direção Espiritual dos fiéis por meio da Confissão Sacramental. Segundo seu ensinamento, os papéis do diretor e do confessor se fundem, de tal forma que é necessário que o confessor tenha uma sólida formação espiritual e moral para guiar retamente os fiéis. Para guiar as almas,

o protagonista dos seus pensamentos [de Afonso] é o confessor, cujo papel deve ser requalificado seja no que diz respeito à instrução, seja no que diz respeito às competências. É, portanto, a este confessor instruído que se deve confiar a guia das almas: ele unirá à confissão sacramental uma exortação para cultivar as virtudes e praticar a oração mental. [...] Esta institucionalização da Direção Espiritual não é acompanhada, em Afonso, pela recusa à mística. [...] A Direção Espiritual, indicada como santa obediência, é agora considerada a “via ordinária e segura” para “verificar a vontade de Deus”. Mas as revelações divinas continuam a reivindicar sua autonomia e a repropor sua criatividade.⁵⁴

Essa fusão de confessor e diretor espiritual, no entanto, gerou problemas, sobretudo quando a mesma direção era confiada aos superiores das comunidades religiosas. Por isso, o Papa Leão XIII aprovou em 1890 o decreto *Quemadmodum*, ab-rogando tal disposição nas mesmas comunidades religiosas.⁵⁵ O Código de Direito Canônico de 1917, no cânon 530⁵⁶, reproduziu tal decreto, separando de modo definitivo foro interno e foro externo:

§1. Todos os Superiores religiosos estão estritamente proibidos de induzir seus súditos, por quaisquer meios, a que se lhe manifestem a consciência.

§2. Contudo, os súditos não estão proibidos de livremente abrir sua alma aos Superiores, caso desejem; na verdade, é desejável que se aproximem deles com confiança filial, e, se tais forem sacerdotes, também lhes exponham as dúvidas e ansiedades que se apresentam em suas consciências.⁵⁷

⁵³ WEBER, A. P. Op. cit., p. 306.

⁵⁴ ZARRI, G. Introduzione. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale, v. 3, p. 52 et. seq.

⁵⁵ LEÃO XIII, PP. Decreto *Quemadmodum*. Disponível em: <<https://exopus.wordpress.com/indice/varios/decreto-%C2%ABquemadmodum%C2%BB-de-leon-xiii-17-xii-1890/>>. Acesso em 18 set. 2018.

⁵⁶ No texto de G. Filoramo há uma imprecisão, ao menos gráfica: cita o cân. 330 em vez do cân. 530 (FILORAMO, G. Introduzione. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale, v. 1, p. 34). Cf. anexos.

⁵⁷ CIC 1917 cân. 530. Disponível em: <<http://www.jgray.org/codes/cic17lat.html>>. Acesso em 18 set. 2018. Esta mesma disposição se encontra no atual Código (CIC 1983 cân. 630).

Atualmente, a Direção Espiritual passa por uma crise, que pode ser expressa sob vários aspectos: a) a palavra *direção* inspira uma rigidez que não se coaduna com o modelo antropológico contemporâneo; b) ainda que substituído o termo por *paternidade espiritual*, estabelece-se a crise de paternidade; c) ela supõe, ainda que erroneamente, perda da liberdade pessoal; d) o avanço das teorias psicológicas alimentou a esperança de solucionar problemas de ordem pessoal a partir de si mesmo, sem o concurso divino na história, para não haver interferência na liberdade.

Segundo G. Firolamo, a Direção Espiritual contemporânea se desdobra em cinco modalidades: a) a Direção Espiritual propriamente dita dos seminaristas e religiosos; b) a formação permanente dos presbíteros; c) a formação dos leigos na vida espiritual (palestras, retiros, etc.); d) a pastoral do Sacramento da Penitência; e) a Pastoral Vocacional.⁵⁸

Não obstante as dificuldades apresentadas, vemos florescer, na atualidade, um grande desejo de encontrar-se em Deus, descobrindo sua vontade. Para responder a este anseio, vem sendo recuperada a formação de Orientadores Espirituais, tanto por meio de cursos de especialização, como pelo desenvolvimento da Pastoral da Escuta, uma forma engajar os leigos no exercício do carisma da Direção Espiritual:

Parece óbvio dizer, mas o objetivo primordial da Pastoral da Escuta é escutar. Escutar pessoas que buscam alguém para ouvi-las com atenção e respeito nos momentos de aflição, sofrimento emocional e existencial, ou em qualquer outro momento que ela esteja vivendo e que necessite de desabafo ou de partilhar com alguém a situação vivida. Além desse objetivo básico geral, a Pastoral da Escuta tem também objetivos específicos, como, por exemplo, estabelecer uma relação de ajuda à pessoa que busca essa pastoral, proporcionando uma acolhida empática e ouvindo-a sem preconceito nem julgamento.⁵⁹

Além disso, cresceu a procura das pessoas por retiros espirituais em mosteiros beneditinos ou ainda os Exercícios Espirituais inicianos, nas suas mais variadas formas, capazes de atender às necessidades dos homens e mulheres de hoje. Resumindo, podemos dizer que onde há desafios, há também oportunidades. Eles são o caminho utilizado pelo Espírito Santo para nos provocar a refletir sobre o que podemos fazer para atender a tantos irmãos e irmãs que clamam por ajuda.

⁵⁸ FILORAMO, G. Introduzione. In: FILORAMO, G. (Ed.). Storia della Direzione Spirituale, v. 1, p. 35.

⁵⁹ PEREIRA, J. C. Pastoral da Escuta, p. 18.

2.3.

Questionamentos possíveis

Considerando a trajetória que fizemos, é natural que surjam questionamentos ao apresentarmos este modelo de ação pastoral para os nossos tempos. Entre esses, destacam-se:

1. Quem precisa ter um diretor espiritual?
2. É obrigatório que todo cristão tenha um diretor espiritual?
3. Não é melhor que o diretor espiritual seja um padre, por conta do sigilo a respeito do que for conversado?
4. Todo padre pode ser diretor espiritual?
5. Faço terapia. Nesse caso, preciso de Direção Espiritual?
6. Quero entender melhor sobre questões religiosas. Posso ter um diretor espiritual?
7. Quero ser diretor espiritual. O que eu tenho que fazer?
8. Preciso tomar uma decisão séria na minha vida. Devo procurar conselho ou Direção Espiritual?
9. E se eu não concordar com o que o diretor espiritual me disser?
10. Sou padre ou religioso(a) de votos solenes. Preciso ainda de Direção Espiritual?
11. Por que a Direção Espiritual é obrigatória em seminários e casas de formação para a Vida Religiosa?
12. O que difere a Confissão da Direção Espiritual? Posso fazer as duas coisas juntas?
13. Como faço para escolher um diretor espiritual?
14. Existe alta da Direção Espiritual, à semelhança do que acontece nos tratamentos médicos?
15. O que fazer quando o diretor não me diz que rumo tomar?
16. Onde pode se realizar uma sessão de Direção Espiritual?
17. Qual é a duração de uma sessão de Direção Espiritual?
18. Já faz um tempo que eu não faço Direção Espiritual. Como me reaproximar do meu diretor? E se ele me repreender?
19. Posso trocar de diretor espiritual, caso eu não me identifique com o meu?
20. Como saber se preciso de um diretor espiritual ou de um terapeuta?

21. Como distinguir matéria de Confissão de assunto para Direção Espiritual?

Estes são apenas exemplos de possíveis questões que o tema pode gerar em quem tome contato com ele pela primeira vez. No quarto capítulo desta dissertação, tentaremos, na medida do possível, sanar as principais dúvidas a seu respeito, a fim de perceber como a Direção Espiritual pode ser uma grande ajuda aos cristãos de nosso tempo a encontrar a vontade de Deus, reconhecendo-se como seres amados por Ele, e criados para viver em comunhão com Ele, com os irmãos e toda a criação.